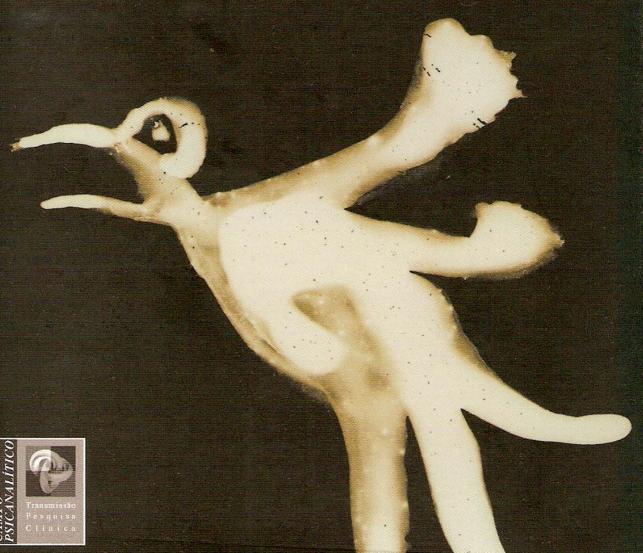
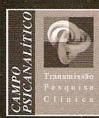
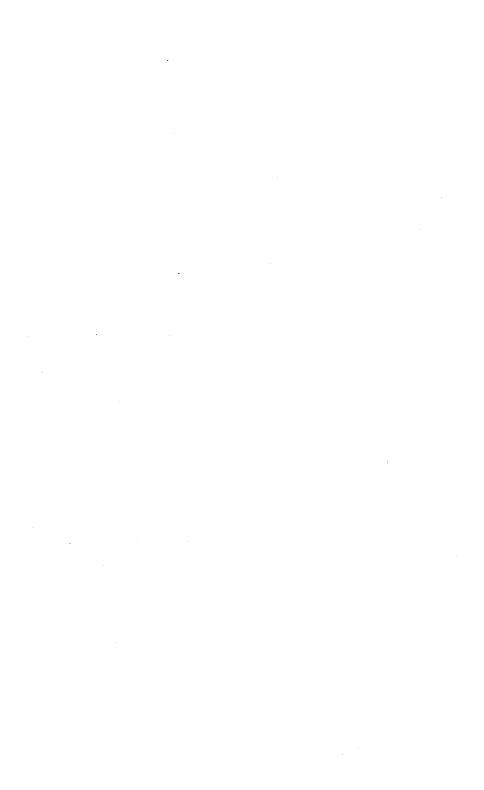
Ida Freitas (Organizadora)





ANGUSTIA





Ida Freitas (Organizadora)

CONFERÊNCIA

CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E ANGÚSTIA

DIMENSÕES CLÍNICAS DA ANGÚSTIA

TOPOLOGIA DA ANGÚSTIA

CRÍTICA À MEDICALIZAÇÃO DA ANGÚSTIA



Novembro de 2006 Salvador - Bahia

## © 2006, Associação Científica Campo Psicanalítico

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta coletânea poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

## **ANGÚSTIA**

Publicação da Associação Científica Campo Psicanalítico
Rua Humberto de Campos 144 sala 901
Graça, Salvador – Bahia. Cep.:40150-130
Tel/Fax (71) 3245-5681
accp@campopsicanalitico.com.br
www.campopsicanalitico.com.br

## Diretoria da Associação Científica Campo Psicanalítico

Diretor: Jairo Gerbase Secretária: Sonia Campos Magalhães Tesoureiro: Soraya Carvalho

## Comissão Editorial

Ida Freitas, Jairo Gerbase, Sonia Magalhães, Gérson Pereira, Romilson Nascimento

## Edição Gráfica

2 Designers (2designers@uol.com.br)

Revisão Elizete Rodrigues

### Capa

Beatriz Franco - The silent bird

A595 Angústia / Ida Freitas (organizadora); comissão editorial Ida Freitas. . . [et al.]. – 1. ed. - Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2006. 160 p.: il.

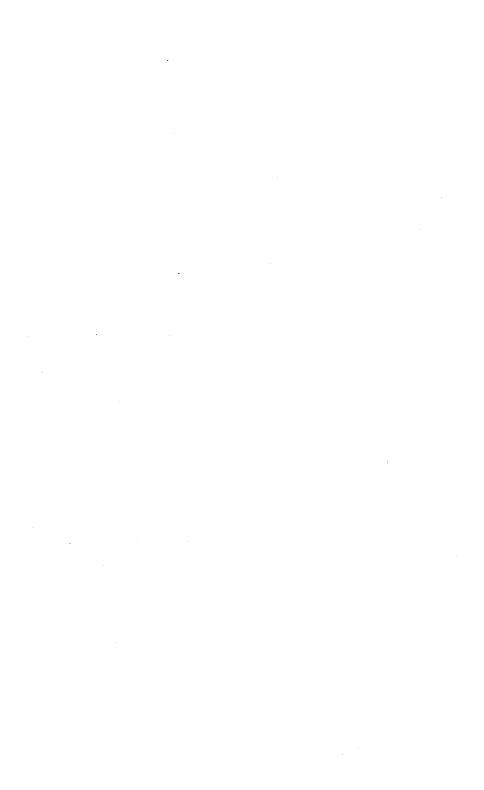
Conteúdo: Conferência – Angústia e constituição do sujeito - Dimensões clínicas da angústia - Topologia da angústia - Crítica à medicalização da angústia.

ISBN 85-89388-05-0

Psicanálise.
 Angústia.
 Neurose obsessiva compulsiva.
 Ansiedade.
 Pânico.
 Freitas, Ida.

CDU - 159.964.2 CDD - 150.195

À Eulina Maria Lavigne Gesteira in memoriam 1960 - 2005



## Apresentação, 9

Ida Freitas

## CONFERÊNCIA

A angústia contemporânea na obra de ficção, 17

Hélio Pólvora

## CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E ANGÚSTIA

Angústia de alienação, 29

Antonio Ouinet

A angústia na criança, 33

Sonia Campos Magalhães

Imagem do corpo e angústia na adolescência, 41

Ida Freitas

A casa do homem, 50

Olea Sá Ferreira

## DIMENSÕES CLÍNICAS DA ANGÚSTIA

Considerações sobre a angústia na clínica psicanalítica, 61

Angélia Teixeira

A angústia na neurose obsessiva, 68

Clarice Gatto

A angústia na fobia e no pânico, 81

Amélia Almeida

A angústia da morte, 87

Sorava Carvalho

O teatro da histeria, 98

Véra Motta

## TOPOLOGIA DA ANGÚSTIA

Contribuições sobre o estádio do espelho no seminário A angústia, 107

Elaine Foguel

MAS, 112

Jairo Gerbase

Pulsão e angústia, 116

Iosé Antonio Pereira da Silva

## CRÍTICA À MEDICALIZAÇÃO DA ANGÚSTIA

Sobre a medicalização da angústia na atualidade, 127

Cristiane Oliveira

O sintoma sem sujeito da psicofarmacologia, 139

Marcus do Rio Teixeira

Ataraxia, 149

Iairo Gerbase

# Apresentação

angústia sempre foi objeto de atenção e interesse para a clínica. Freud procurou entender a função do afeto de angústia para a mente, assim como para a direção da análise, situando-a, principalmente, como um sinal de perigo, em frente a uma ameaça, que não é outra senão a de castração.

Em *Inibição, sintoma e angústia* encontramos a indicação de que não há afetos inconscientes, daí ser a angústia algo que o sujeito padece; é, portanto, um fenômeno corporal, que faz o sujeito voltarse narcisicamente sobre seu corpo.

Para Lacan, todos os afetos enganam – porque são migratórios, se deslocam ao longo da cadeia significante –, enquanto que os significantes são objetos do recalque. A angústia, ao contrário dos demais afetos, não desliza na cadeia significante, não se refere ao significante enganador, mas ao real; ela é índice de um real indizível, que o significante não pode captar.

A clínica psicanalítica constata que a angústia pode surgir em diversos momentos. Pode ser o que leva alguém a iniciar uma análise; pode emergir ao se tocar na consistência do sintoma; pode irromper do encontro contingente com o real; pode fazer parte da proximidade do seu final.

Sabemos também que ela pode ser desencadeada pela queda de certas identificações, pela perda de ideais, pelo encontro com a castração e pelo desvelamento do sem sentido do significante, envelopado nas incontáveis metáforas e metonímias da fala.

Ao analista caberá manejá-la, dar um tratamento ao real para o qual ela aponta, seja pelo percurso do trabalho com o sintoma, seja sustentando na transferência o impossível do real.

A coletânea – Angústia – pretende abordar algumas dessas questões e muitas outras ao longo da conferência e das quatro seções: Constituição do sujeito e angústia, Dimensões clínicas da angústia, Topologia da angústia, Crítica à medicalização da angústia.

Em Conferência, o escritor baiano Hélio Pólvora brinda este livro com "A angústia contemporânea na obra de ficção", tecendo

ricas reflexões sobre o tema. Refere-se, a princípio, à relação do artista com a angústia, afirmando que: "O artista canaliza a sua angústia, consegue abafá-la e, em certos casos, minimizá-la ou disfarçá-la, mas ela jamais se deixará domar, por ser justamente corpo e espírito da fragilidade do ser".

Percorre em seguida um vasto caminho, passando por Freud, pelos filósofos, a exemplo de Kierkegaard, pela mitologia e por diversas referências literárias. O autor, não só aborda o tema da angústia pela lente da literatura ficcional, como, também, comenta fatos da realidade atual e a relação desses com temáticas da literatura que refletem essa realidade, analisando, por exemplo, o século 20 como "um retrocesso à Idade das Trevas, um período em que prevaleceu mais que o medo da finitude pessoal e coletiva, o medo metafísico da perda de uma identidade consciente".

O escritor conclui a sua primorosa conferência, com a receita filosófico-existencial de Kierkegaard para a angústia: "Ter paixão pelo possível".

A seção **Constituição do sujeito e angústia** reúne quatro artigos: no primeiro, Antonio Quinet, percorrendo os principais textos de Freud e Lacan a respeito da angústia, propõe uma relação entre os termos mãe e pai, angústia e sintoma, relação que irá desenvolver através dos conceitos de alienação e separação e do matema da metáfora paterna.

No segundo artigo, Sonia Campos Magalhães parte da questão: "O que é, para a psicanálise, uma criança"? Privilegia como resposta possível a definição: "A criança é o sujeito que ainda não tem responsabilidade por seu gozo". Desta definição destaca a temporalidade lógica e a constituição do sujeito, o que a leva a perguntar: "Como vem a angústia se situar aí? Qual a sua função em relação aos tempos de efetuação da estrutura"?

O terceiro trabalho apresenta uma reflexão sobre a adolescência, recorrendo à literatura e à clínica, abordando, principalmente, as vicissitudes da relação do sujeito com a imagem especular, situando aí, a angústia.

Em "A casa do homem", quarto artigo dessa seção, Olga Sá Ferreira, considerando a formulação de Lacan, de que: não se pode falar de angústia sem referência ao *objeto a*, assim como não se pode

falar de constituição de sujeito sem referência ao mesmo *objeto a*, chega ao seguinte enunciado dedutivo: então, advento do sujeito e angústia estão intimamente relacionados, enunciado que irá desenvolver ao longo do texto.

A seção **Dimensões clínicas da angústia** compreende cinco trabalhos. "Considerações sobre a angústia na clínica psicanalítica" é o artigo de Angélia Teixeira, que traz uma cuidadosa reflexão e observações clínicas acerca do manejo necessário da angústia no dispositivo analítico.

Clarice Gatto, em "A angústia na neurose obsessiva", realiza uma pesquisa acerca da formação dos sintomas nessa estrutura clínica, percorrendo os textos freudianos e concluindo seu percurso – apoiando-se no cogito cartesiano e nos desenvolvimentos de Lacan sobre o pensamento de Descartes –, com a idéia de que o modo particular do sujeito obsessivo lidar com a angústia é por intermédio da dúvida: "Duvido, logo sou, ou seja, existo".

"A angústia na fobia e no pânico", artigo de Amélia Almeida, situa esse afeto como um sinal daquilo que se opõe à emergência do sujeito nas repetidas operações de separação do campo do Outro ou do que põe o sujeito em estado de vacilação ou *fading*, nos momentos de encontro do real. Assim, afirma que, se a fobia é uma defesa contra a angústia de castração, dando uma medida e estabelecendo certas condições para que ela compareça, o pânico — termo que relembra não ser novo — é uma expressão da irrupção direta, súbita e intensa do afeto da angústia, fora de toda a rede de significações ao alcance do sujeito. As questões da falta e do encontro com o real são aí articuladas para situar o substrato da angústia num e noutro caso, respectivamente.

Existiria uma angústia de morte? Pergunta que permeia todo o artigo de Soraya Carvalho, "Angústia da morte". A angústia é localizada pela autora como o afeto próprio do ser de linguagem e o que melhor representa sua condição de sujeito, ao passo que a condição de mortal lhe dá o estatuto de humano e articula os termos angústia e morte via o gozo. "A angústia da morte poderia ser traduzida como o gozo da morte". Tomando a morte quando "escolhe" o sujeito, diz que a angústia aí se apresenta como uma experiência de castração. Tomando a morte quando é uma escolha do sujeito, refere a

angústia como avassaladora, irrupção do real experimentada no corpo: angústia de vida e não da morte.

Encerrando a seção, em "O teatro da histeria", Véra Motta faz um comentário sobre a peça de Antonio Quinet, A lição de Charcot. A princípio, explica a estrutura da peça, que se constitui de um prólogo e quatro atos, e situa o contexto histórico onde se desenrola sua ação. Indica, a seguir, que a intenção do autor é falar da histeria a partir do teatro: "Se o sujeito histérico é ator de uma peça cuja escrita é inconsciente, pôr em cena a histeria é revelar igualmente a expressão histérica da ópera".

Topologia da angústia – terceira seção da coletânea – tem como primeiro artigo "Algumas articulações sobre o estádio do espelho no Seminário A angústia", onde Elaine Foguel destaca a importância do estádio do espelho no ensinamento de Lacan, especialmente no período de 1949 a 1962, situando o momento da inserção na teoria lacaniana da topologia de superfície, quando Lacan formalizou o objeto a na sua relação com o sujeito. E localiza o retorno de Lacan ao modelo óptico no Seminário da Angústia articulado ao desencadeamento da angústia: "Essa ocorre quando a castração ao gozo ameaça desaparecer do lado do Outro".

Em seguida, Jairo Gerbase, autor de MAS, prometendo explicar a frase quase inexplicável de Lacan, "a angustia é simbolicamente real", levanta a hipótese de que o que angústia é o sem sentido do significante, desenvolvendo, ao longo do artigo, os efeitos dessa hipótese nos campos da neurose e da psicose.

Essa seção se conclui com o artigo "Pulsão e angústia", onde, inicialmente, José Antonio Pereira da Silva fundamenta o conceito de pulsão para daí buscar as possíveis articulações entre pulsão e angústia. Situa, assim, o ponto de angústia no nível do corpo da mãe, onde estaria implicada a pulsão oral, localizando em seguida o ponto de angústia numa posição inversa a essa primeira, que corresponderia ao próprio orgasmo.

Na seção **Crítica à medicalização da angústia**, Cristiane Oliveira, em seu artigo, "Sobre a medicalização da angústia na atualidade", pretende refletir sobre a crescente difusão da medicalização da angústia em nossos tempos, adotando como estratégia a discussão sobre o biopoder, o que leva a autora a pensar que "o problema da

medicalização da angústia transcende o uso indiscriminado de ansiolíticos. Inscreve-se, antes, nas seduções da biopolítica, na submissão escravizada ao imperativo de aceleração dos processos produtivos, na exigência de desempenho e na moral do espetáculo".

Em "O sintoma sem sujeito da psicofarmacologia", Marcus do Rio Teixeira comenta uma matéria da Folha de S. Paulo sobre um determinado "transtorno" psicológico. Esse artigo do jornal, assim como tem sido habitual na mídia, traz uma explicação que desconsidera qualquer especificidade do quadro em questão, demonstrando um caráter genérico e estereotipado. O que leva o autor, primeiramente, a deduzir que: "Se uma enorme variedade de quadros pode ser reduzida a uma causa comum – dimínuição da quantidade de neurotransmissores – e a um tratamento com praticamente as mesmas substâncias – antidepressivos –, a nosologia perde o seu sentido". E, em seguida, a perguntar: "Por que a psiquiatria contemporânea abriria mão da sua clínica, da sua história, para aderir a uma nosografia empobrecida, que dispensa a clínica e prefere enfatizar supostas semelhanças em detrimento da singularidade de cada quadro"?

Finalmente, Jairo Gerbase, autor de "Ataraxia", faz considerações a respeito da hipótese neuroquímica dos transtornos ansiosos e da hipótese psicanalítica para a angústia, mostrando a oposição entre esses dois campos. Para Gerbase, a psiquiatria biológica trata a angústia a partir de um déficit neuroquímico, enquanto que para a psicanálise a angústia sucede a uma perda de objeto, entendendo-se perda de objeto como perda de sentido. "Quando o sentido se ausenta, o sujeito fica vazio de significação e é então invadido pela experiência de gozo".

O Campo Psicanalítico, ao organizar a coletânea – *Angústia* –, pretende oferecer ao público leitor o produto de um ano de debate sobre o tema, buscando contribuir, de alguma forma, para a reflexão acerca de tantas questões que o afeto de angústia suscita.

Boa Leitura!

Ida Freitas